

Ética, jornalismo e nova mídia

CAIO TÚLIO COSTA

Ética, jornalismo e nova mídia

Uma moral provisória



ZAHAR

Rio de Janeiro

Copyright © 2009, Caio Túlio Costa

Copyright desta edição © 2009:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não-autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Composição: Mari Taboada
Capa: Dupla Design
Ilustração de capa: © Images.com/Corbis

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Costa, Caio Túlio
C871e Ética, jornalismo e nova mídia: uma moral provisória / Caio Túlio Costa. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-378-0124-6

1. Comunicação de massa – Aspectos morais e éticos. 2. Mídia digital – Aspectos morais e éticos. 3. Ética jornalística. 4. Jornalismo – Inovações tecnológicas – Aspectos morais e éticos. I. Título.

Para Léa.

Em memória de Ulisses.

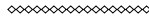
Em memória de Dulcinéa e Caio.

*N'importe quoi petit quand structure morale s'affaisse
las las las dans la tête qui toujours guette ...
quelque chose remonte qui n'est pas dans la fiche
comme un dieu pantelant sur la ville qui triche.*

JEAN PÉROL, no poema “Sur la ville qui triche”,
do livro *Morale provisoire*.*

* Numa tradução livre: “Pouco importa quão pequena quando a estrutura moral se verga/
ai ai ai na cabeça sempre em vigília ... Alguma coisa que não está ancorada se levanta/ como
um deus ofegante sobre a cidade que engana.”

SUMÁRIO



Prólogo 11

1. PERCURSO 15

Nova mídia, 15 | Caminhos, 16 | Dilemas, 17 | Ética e moral, 19
Verdade, 21 | Indagações, 25 |

2. REPRESENTAÇÃO 27

Velázquez e o pintar o pintar, 30 | Descartes e o pensar o pensar, 35
Spinoza e a liberdade de pensar, 37 | Tobias Peucer e o representar, 41
Representação da representação, 46

3. AMBIGÜIDADE 50

Antígona e o não-diálogo, 52 | Sócrates e a justiça, 58 | Epicuro e o
prazer, 66 | Montaigne e a covardia, 68 | Hamlet e a angústia, 73
O super-herói versus o anti-herói ético, 81 | Balzac e a hipocrisia, 85
Síntese dos dilemas éticos, 90

4. RAZÃO 93

A ética de Kant, 93 | O imperativo categórico, 94 | Weber e a vocação, 101
A ética da convicção, 108 | A ética da responsabilidade, 109

5. LINGUAGEM 114

Wittgenstein e a linguagem, 124 | Bakhtin e a palavra neutra, 125
Karl Kraus e a estupidez, 130 | Cioran e o pensar contra si próprio, 138
Janet Malcolm e o caso MacDonald-McGinniss, 140 | Inverdade, 143
Virada lingüística, 149

6. OBJETIVIDADE 152

O inimigo número um da censura, 152 | A imparcialidade, 155
Cinco argumentos a favor da objetividade, 157 | A objetividade
e a questão do conhecimento, 163

7. ESPETÁCULO 172

As tragédias de São Paulo e de Madri, 172 | Adorno e Horkheimer e a
indústria cultural, 183 | Guy Debord e a sociedade do espetáculo, 186

8. PÓS-MODERNIDADE 195

Modernidade líquida, 200 | Octavio Ianni e o príncipe eletrônico, 210
Joseph Stiglitz e a assimetria da informação, 219

9. RELATIVISMOS 228

O relativo na mídia tradicional, 229 | O relativo nas novas mídias, 235

10. MORAL PROVISÓRIA 252

Código moral temporário, 252 | O véu das aparências, 253 | A ética
do marceneiro não basta, 255

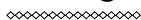
Notas 261

Referências bibliográficas 273

Agradecimentos 282

Índice onomástico 284

Prólogo



Sexta-feira, 25 de outubro de 1946, noite fria de outono na sala do professor Richard Braithwaite, a de número três da escadaria H do Edifício Gibbs, no King's College, em Cambridge, Inglaterra, 80 quilômetros ao norte de Londres. Começava mais uma reunião do Clube de Ciências Morais. Com a lareira acesa, professores e alunos se acomodaram na sala. Os filósofos Bertrand Russell e Ludwig Wittgenstein, presidente do clube, estavam entre eles. O convidado da noite começou a falar, o filósofo austríaco, naturalizado inglês e notabilizado na Austrália e na Nova Zelândia, Karl Popper, autor de *A sociedade aberta e seus inimigos*, publicado um ano antes e depois transformado em clássico do pensamento liberal.

Ele mirou o papel que tinha em mãos com o texto especialmente preparado para a ocasião e expressou surpresa por ter sido convidado pela secretária do clube para uma palestra que abordasse algum enigma filosófico (*philosophical puzzle*). Por isso preferia dar à conferência outro título, questionador: “Existem problemas filosóficos?” Implicitamente, pontuou, quem quer que tivesse feito o convite a ele havia tomado um partido, talvez inconscientemente, ao lhe propor falar do quebra-cabeça filosófico. Teria tomado o partido daqueles para quem não existem problemas filosóficos, e essa própria questão consistiria, em si mesma, num genuíno problema filosófico.

Ao ouvir aquilo, Wittgenstein levantou-se num salto e disse em alto e bom som:

– A secretária do clube fez o que tinha de ser feito e conforme instruções minhas.

Popper retrucou:

– Se eu não pensasse haver problemas filosóficos genuínos, então certamente eu não seria um filósofo. O fato de que muitas pessoas, talvez todas as pessoas, adotem irrefletidamente soluções indefensáveis para muitos, por si só providenciaria uma boa justificativa para ser um filósofo.

Wittgenstein pulou de novo da cadeira e reafirmou a não-existência de problemas filosóficos.

Popper não ligou e começou a ler a lista de problemas filosóficos preparada para a noite. Ela incluía questões do tipo “nós conhecemos as coisas por meio de nossos sentidos?” e “nós obtemos o conhecimento pela indução?”.

Wittgenstein, com o atizador de fogo da lareira na mão, argumentou que tais questões tratavam mais de problemas lógicos do que filosóficos.

Popper argüiu sobre o problema potencial da existência do infinito.

Wittgenstein respondeu ser este um problema matemático.

Então Popper mencionou os problemas morais, o problema da validade das regras morais.

Wittgenstein, que brandia o atizador enquanto falava, exigiu:

– Dê um exemplo de regra moral!

– Não ameaçar palestrantes com o atizador – respondeu Popper, de pronto.

Bertrand Russell se ergueu da cadeira, o olho fixo em Wittgenstein, que reagiu:

– Você está me interpretando mal, *Hrussel* [o austríaco Wittgenstein não falava o inglês com perfeição], você sempre me interpreta mal.

Russell afirmou que Wittgenstein é quem estava misturando coisas e repetiu:

– Wittgenstein, você sempre mistura as coisas.

Sua voz estaria mais estridente do que o normal quando ele tirou o cachimbo da boca e ordenou em seguida:

– Wittgenstein, largue esse atizador imediatamente!

Wittgenstein, então com 57 anos, jogou o atizador ao chão e saiu da sala pisando firme e batendo a porta.¹

Nesse rápido embate estaria resumida a história do cisma da filosofia no século XX acerca da importância da linguagem. Esse cisma teria oposto de um lado aqueles que diagnosticavam os problemas filosóficos tradicionais como complicações puramente lingüísticas e, de outro, quem acreditava que tais problemas transcendiam a linguagem. Wittgenstein estaria do lado dos primeiros. Seu maior biógrafo, Ray Monk, discorda. Diz taxativamente que era Popper quem pensava que Wittgenstein negava a existência de problemas filosóficos.

O tenso diálogo em Cambridge não durou mais do que dez ou 15 minutos e virou lenda. Há quem diga que ambos teriam ido às vias de fato, mas essa versão, referida em livro de Edmonds e Eidinow, é desmentida por eles mesmos, que apuraram com vários participantes do encontro, ainda vivos, não ter havido embate físico. Eles pretendem demonstrar é que essa ação sintetiza o cisma do século XX na filosofia.²

Negando ou acreditando, considerando falsas ou verdadeiras as questões de Popper, o fato é que Wittgenstein, idolatrado naquela sala por discípulos que lhe copiavam até o jeito de se vestir e de martelar os dedos na cabeça, viu-se batido por uma inequívoca questão moral, “não ameaçar palestrantes com o atizador”, e pulou fora da discussão, batendo a porta.

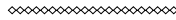
Ao contrário de Wittgenstein naquela noite, o trabalho que você vai ler não foge do assunto. O problema moral do jornalismo – que se funde à plataforma da linguagem – será esquadrihado histórica, estrutural e conjunturalmente. A tentativa será a de explicar como as questões morais e éticas servem e desservem o ofício do jornalista em particular, do comunicador em geral.

Não espere encontrar um manual de boa conduta para jornalistas e comunicadores. Você vai se deparar, isso sim, com um esforço de leitura crítica do jornalismo. Com uma análise de como ele é feito. Com uma decupagem de como aqueles que o fazem muitas vezes o defendem como algo moralmente defensável na teoria, mas se contradizem na prática.

Para tanto, você está convidado a dar um passeio pelo tempo, pelas idéias e por exemplos, acompanhando as reflexões sobre uma moral que aqui se vai tachar de “provisória” no jornalismo – seja o jornalismo de ontem, de hoje ou aquele que a nova mídia fez emergir. Esse passeio, um tanto irregular na linha do tempo, volta ao século XVII, regride à Grécia Antiga, retorna à Europa renascentista, visita filósofos de idéias solidificadas na modernidade e avança pelas franjas dessa própria modernidade no século XX, antes de adentrar o século XXI e a revolução tecnológica, que muda a face da comunicação. Mãos à obra. Porque ética e moral, verdades e mentiras, velha mídia e nova mídia são coisas sérias demais e merecem que todos nós nos ocupemos delas.

1.

PERCURSO



Há uma significativa mudança em curso nas comunicações. Ela afeta não somente a maneira como jornalismo e entretenimento são fabricados, mas o modo como são consumidos. Essa mudança atinge também a linguagem. Ao mesmo tempo, os mercados econômicos assistem a uma progressiva concentração de empresas nessa área, fato que tende a dar nova face à indústria com a convergência entre telecomunicações e mídia – sem falar no nascimento de empresas que inventam novas maneiras de comunicar, criam nichos inéditos de mercados ou os abocanham das empresas tradicionais. As transformações edificam uma indústria diferente, uma nova mídia. Esse movimento exige a rediscussão da ética nas comunicações, no jornalismo, porque propõe novas questões. Exige também uma compreensão mais ampla desses fenômenos até mesmo para entender como essas empresas tratam a ética. Obriga a um aprofundamento da questão moral na mídia. Em paralelo, sobrevive na formação do comunicador, do jornalista, um vácuo no que toca à ética e à moral na perspectiva da história do conhecimento, vácuo que necessita ser preenchido para um conhecimento abrangente da questão da comunicação.

Nova mídia

Este trabalho incorpora o conceito de *nova mídia*. Ele surgiu em oposição ao que se pode chamar *velha mídia*, tudo aquilo que configura a comunicação tradicional e diz respeito tanto a produtos impressos, como jornais e revistas, quanto a eletrônicos, como rádio e televisão. Todos eles contra aquilo que, no dizer de Lev Manovich, o público entende intuitivamente como novo: o que é distribuído via computador. Ele mesmo considera essa definição muito limitada, pois não se deve privilegiar o computador quando se nomeia esse novo conceito.¹

A nova mídia se refere aos meios que lidam com a linguagem, a informação, o entretenimento e os serviços disponíveis mediante artefatos tecnologicamente avançados em relação aos suportes conhecidos – como o papel, o rádio por ondas eletromagnéticas e o bulbo clássico do aparelho de televisão. Ou seja, tudo aquilo capaz de transformar a comunicação onipresente, pervasiva. É a comunicação multimídia composta pelo celular, pelos aparelhos portáteis aptos a carregar textos, fotos, áudios e vídeos para qualquer um e em qualquer lugar. Tudo aquilo que atue nessa área em que telecomunicações e mídia convergem torna a comunicação digital possível. Daí o uso da expressão *mídia digital* como sinônimo de *nova mídia*.

A expressão nova mídia não se refere apenas a uma nova maneira de gerar e veicular informação e uma nova interlocução com o público que a consome. Ela abarca inclusive a “velha mídia”, uma vez que as novas maneiras de fazer e distribuir informação se imiscuíram nas práticas daqueles que veiculam seus conteúdos em suportes tradicionais, incorporando-as, trazendo para si os novos preceitos e uma nova forma de relacionamento com a informação e com o público – interativa, participativa.

Caminhos

Para compreender de fato aonde quero chegar, o leitor está convidado a percorrer o caminho que funda o jornalismo e a comunicação. Para entender quanto a questão ética se relativizou e se instrumentalizou como ferramenta capaz de ser provisoriamente esgrimida por qualquer lado e sob qualquer perspectiva de uma situação de conflito, faz-se necessário discutir pontos capazes de iluminar o problema da ética na comunicação, no jornalismo.

O caminho começa pela instituição do jornalismo enquanto negócio – o que ocorre desde o momento de sua fundação. E a compreensão desse negócio requer o entendimento do que o jornalismo representa. Que representação ele faz da realidade? Com a ajuda da arte (Velázquez) e de filósofos que investigaram o estar no mundo (Descartes e Spinoza) é possível traçar a espinha dorsal do jornalismo. Nada como ir atrás de um contemporâneo desses dois filósofos, o acadêmico Tobias Peucer, para constatar o quanto o jornalismo se enxergava da exata maneira como hoje. Por isso escarafunchou-se a primeira tese de doutorado sobre o jornalismo, defendida na Alemanha em 1690! Isso se mostrou necessário para desconstruir a maneira pela qual o jornalismo se apresenta idealmente e se desmancha na prática.

O jornalismo não deve ser interpretado sem um exame mais detalhado de dilemas clássicos capazes de exemplificar como a realidade – e a sua interpretação – sempre é mais complexa, sempre comporta outras leituras além da primeira, numa abordagem superficial e com um entendimento carregado de senso comum.

Não há exame possível sem foco na questão da moralidade e na formação dos conceitos sólidos que a instituem, como fez, por exemplo, o filósofo Immanuel Kant. Na seqüência, foi preciso ver como se abre a porta do relativo no jornalismo, a partir do desenho de um pós-kantiano como Max Weber.

A linguagem está no cerne das discussões filosóficas e da comunicação, principalmente no século passado, quando se deu uma “virada” lingüística. Tentar mergulhar nos mecanismos da linguagem ajuda a entender a representação que o jornalismo realiza com as interpretações que chegam ao comunicador advindas de múltiplas fontes e que se amoldam ao seu jeito de ver o mundo. Pensadores clássicos como Ludwig Wittgenstein e Mikhail Bakhtin, novos pensadores, como Félix Guattari e Gilles Deleuze, e mestres do aforismo, como Karl Kraus e Emil Michel Cioran, foram chamados para ajudar nessa tarefa. Assim como a jornalista Janet Malcolm, que adentra os limites da linguagem ao desnudar um momento no qual um conceito negativo como o da mentira é apresentado por escritores e jornalistas como algo palatável sob a denominação de “inverdade”.

Uma vez estabelecidas as bases do entendimento primordial das questões da comunicação foi possível examinar um problema dos mais caros à comunicação jornalística, o da objetividade. O trabalho não deixou de lado os argumentos a favor dessa dita objetividade para tentar desconstruí-los e colocá-la em seu devido lugar, fora do jornalismo. Nesse caso, a colaboração de Jorge Luis Borges e de Adolpho Bioy Casares foi decisiva.

Aí o percurso se pavimenta com exemplos e contra-exemplos da nossa realidade – como os espetáculos acontecidos nas cidades de São Paulo e de Madri quando todos os veículos de comunicação, da nova e da velha mídia, se juntaram e moveram a população em casos inéditos que demonstram como a comunicação mudou e quanto ela traz de complexidade para o campo da moral. Por tudo isso, conceitos clássicos, como o da indústria cultural, e conceitos recentes, como os que problematizam a dita pós-modernidade, se articulam e são capazes de explicar um pouco da nossa realidade – que vai se transmutar sob o advento do que se pode chamar de uma revolução nas comunicações patrocinada pela guinada tecnológica, que proporcionou a comunicação em rede mundial e sustenta a convergência dos meios.

Dilemas

Uma parte considerável deste trabalho reproduz conflitos éticos, moldados principalmente pela dramaturgia e pela literatura, e os analisa. A pretensão é a de aprofundar o contato com o pensamento que funda o campo da ética na cultura clássica e, por meio desse contato, dialogar com as transformações que levam à relatividade dos conceitos no mundo considerado pós-moderno.

Está em xeque a consistência de noções éticas de cunho prático-profissional solidamente estabelecida nos caminhos da modernidade. O desafio é buscar pontes